

## SEM OLHOS EM GAZA

*Ramon Andres Ponce<sup>1</sup>*

Com o trabalho aqui apresentado tencionamos ampliar o escopo da pesquisa bíblica mostrando como a Sagrada Escritura delinea os "tipos" para o desenvolvimento da história até os nossos dias, quando a degradação dos sistemas culturais e políticos da era eletrônica também segue um modelo progressivo.

Expomos essa perspectiva em três faces históricas. Partindo de Sansão, um israelita ungido entre os "palestinos" de Gaza há 3.000 anos; a seguir ilustrando com Cavafis, o homem de letras grego que na virada do sec. XIX prenunciou decadência e barbárie se reconhecendo, e finalmente refletindo sobre o atual antijudaísmo midiático-intelectual no estado terminal da síndrome.

Os acima mencionados sistemas de formato empresarial, demasiado complexos para serem coordenados e controlados por uma autoridade central (sonho americano de centralização políciante) entram agora em colapso, o descontrolado jogo de interações a produzir o recuo de toda a civilização tecnológico-digital. A vida política centralizada entra em crise e se subdivide numa série de subsistemas autônomos, independentes do poder central.

Os povos e culturas "subdesenvolvidos" e periféricos são os que melhor superam a crise por estarem preparados para sobreviver em condições elementares. Daí ocorrem em grau crescente grandes migrações de culturas inteiras que provocam fusão e "contaminação" racial quando essas culturas importam e difundem novas ideologias para o meio de uma opulenta civilização em decadência.

À queda de uma Pax imperial sucedem-se insegurança e niilismo, Civilizações chocam-se. Quem seriam os novos bárbaros a demolir a PAX imperial? Não sabemos, sabemos sim o que está desaparecendo: o Homem-Liberal-Empresário-Germânico-Saxônico.

Isso enquanto o avanço desenfreado do poder eletrônico abandona o centro da estrutura esvaziando instituições. O poder passa a se organizar fora da área central do corpo sócio-político e rumo para uma zona ampliada livre de responsabilidades tradicionais, desnudando o caráter ilusório das instituições.

Entre elas uma das mais antigas e sólidas, a Igreja, se esfacela em milhares de "denominações" mais ou menos orientadas.

Nesse momento crítico o impasse é administrado por utopistas educativos nutridos no projeto ideológico de dirigir consciências de modo culposo-paternalista. Os típicos renovadores da pequena burguesia aculturada dividindo-se entre si em facções de furioso (e culposo) ativismo colocam-se a serviço das minorias utilizando uma discussão teológica que acaba por dilacerar-se em recíprocas acusações de heresia reacionária, com cada facção a fabricar seus dissidentes e heresiarcas.

Não é uma desordem sem objetivo a que comove as sociedades tecnológicas, é o indicio de uma sociedade em crise que busca e encontra na força dos "novos bárbaros" (Constantin Cavafis) uma transfusão para seu esgotamento cultural.

---

<sup>1</sup> O autor é filólogo (Ludwig Maximilian Universitaet-Muenchen) e professor de línguas bíblicas-filosofia na FAETAD e na FATEF.

Com sincretismo voraz mina essa sociedade seus próprios alicerces, e passa a exercer uma consistente intolerância do seu próprio sistema. O intelectual tecnológico dessa cultura exaurida finge sempre não estar inventando nada: ele cita continuamente uma autoridade que o precede.

Com famélico déjà-vu esse intelectual tem que escorar-se no respaldo de outrem que o precedeu. Nesse monólogo com variações, é convenção que todos usem o mesmo jargão, que professem o mesmo dogma politicamente correto, que usem as mesmas fontes e argumentos.

No seu mundo em desmoronamento, cujo uniforme oficial se perdeu, o jeito é conformar a realidade a modelos exóticos condensados, para enfrentar à altura uma realidade mundial que não acha paralelo satisfatório na cultura burguesa ansiosa por qualquer reconstituição.

O intelectual esgotado por excesso de originalidade monitorada e pelo conflito de tantas contribuições dispare, tenta restituir-se uma forma a través de experimentos sincréticos envolvidos em distinções classificatórias que tentam emendar um universo cultural explodido: recuperar modernos e primitivos a coberto de uma lógica igualitária.

## **SEM OLHOS EM GAZA**

Sem olhos em Gaza é uma novela de ideias da autoria de Aldous Huxley, publicada em 1936. Essa novela semiautobiográfica critica os paupérrimos valores espirituais da luxuosa sociedade contemporânea.

O título cita o "Samson Agonistes" de Milton, uma obra tardia do autor renascentista que incorpora a sua crença na revolução e o seu desespero quanto a uma Restauração.

Combinando Samson com alguns traços de outras figuras bíblicas (Jó, bem como os salmistas), Milton esperava realizar o herói perfeito capaz de lidar com complexos temas teológicos. Ao escrever o poema, Milton escolhe Samson para ilustrar também a própria cegueira, que o afligiu em idade prolecta.

A certa altura, o coro destaca que embora sendo grande, a través da sua cegueira real e metafórica, ele é prisioneiro.

*Thou art become (O worst imprisonment!)  
The Dungeon of thy self; thy soul  
(Which men enjoying sight oft without cause complain)  
Imprisoned now indeed,  
In real darkness of the body dwells,*

(Fizeste em ti, oh deplorável prisão,  
Teu próprio cárcere.  
Tua alma aprisionada,  
Da qual sem causa  
Os homens com visão  
Reclamam,  
Habita agora  
A treva real de um corpo).

*Shut up from outward light  
To incorporate with gloomy night*

*For inward light alas  
Puts forth no visual beam.*

(Qualquer luz interior que em ti houvera, ai !  
Não mais projeta exteriormente luz  
Vedada sendo-te a luz do dia  
A noite tenebrosa te encobriu.)

Samson revela como, pelo hedonismo perdeu a visão:

*I yielded, and unlocked her all my heart,  
Who with a grain of manhood well resolved  
Might easily have shook off all her snares:  
But foul effeminancy held me yoked  
Her bond-slave. O indignity, O blot  
To honor and religion! Servile mind  
Rewarded well with servile punishment!*

(Cedi a ela aberto, o coração  
Que de virilidade em mim  
Se um átimo restara,  
Bastar-me-ia  
A esgarçar-lhe o laço.  
Mas eu efeminado,  
No jugo da mulher fui enfreado,  
Oh! mácula, oh indignidade,  
Para honra e religião!  
A punição no corpo,  
Recebi condigna,  
Ao cativo moral.)

Entretanto o seu estado é mais que só dele, sendo metáfora do sofrimento do Povo Eleito.

*Or to th' unjust tribunals, under change of times,  
And condemnation of the ingrateful multitude.  
If these they scape, perhaps in poverty  
With sickness and disease thou bow'st them down.*

(A ingrata multidão  
Com tribunais injustos  
Não castigas,  
Mas com penúria e praga.  
Dobras)

Harapha (o gigante filisteu) então aponta adequadamente

*... no worthy match  
For valor to assail, nor by the sword  
Of noble warrior ...  
But by the barber's razor best subdued*

(Da valente investida

De algum nobre guerreiro  
Foste indigno.  
Teu valor sucumbiu  
Avassalado  
Pela navalha de um barbeiro).

## GAZA

Quando tiver passado a atual avalanche de chacina e destruição em Gaza, com certeza haverá gente narrando essa estória: a resistência heróica de um pequeno povo humilhado por séculos , que toma por surpresa e vence o inimigo inumerável.

O fato de estarmos lendo sobre o herói Sansão hoje, 3,000 anos depois deve nos instigar quanto ao impacto de uma resistência heroica no meio da opressão.

Toda a história humana está interligada. Faz agora um século que a Inglaterra declarou guerra à Alemanha. Essa guerra levou à Declaração Balfour pelo secretário britânico do Exterior , e ao Tratado de Versailles em 1918, os quais em grande medida contribuíram para a II Guerra Mundial. Os horrendos crimes perpetrados contra o povo judeu durante essa guerra tiveram peso nas deliberações que após a guerra contribuíram para a criação do moderno Estado de Israel. Nós já ouvimos falar de Sansão no livro de Juízes : "e ele julgou Israel nos dias dos Filisteus, durante vinte anos " Ele não foi um juiz de acordo com os padrões modernos, mas um personagem heroico talhado para infundir coragem a qualquer sociedade submetida.

Os versículos seguintes tratam dos feitos bravios do herói, que além do mais, propunha enigmas aos seus adversários. O ultimo versículo diz: "no dia que Sansão foi a Gaza, ao ver uma prostituta, foi a ela."

Em poucas linhas mil inimigos mortos, um milagroso manancial e a visita a uma prostituta, resumem Sansão. No entanto, é esse o homem cujo nascimento convocou anjos e no capítulo 13 fora descrito como o bendito do Senhor , em quem se move o Espírito do Senhor . Gaza em hebraico "Azzah" : Deuteronomio 2:23, 1 Reis 4:24 , Jeremias 25:20, significa "forte" . É uma antiga cidade filisteia no litoral sueste do mediterrâneo. Grande parte da sua história deve-se a estar ela localizada numa importante rota militar e comercial entre Egito e o Oriente Médio.

Exodo13:17: E Deus não os guiou a través da terra dos Filisteus (Palestinos), embora fosse mais próxima, etc.

Os Filisteus eram primos dos cananeus. Ham filho de Noé foi o pai de Cush, Mizraim, Phut, e Canaan (Genesis 10:6) Os filisteus ("Philistim" ) eram descendentes de Mizraim, e os Canaaneus eram descendentes de Canaan.

Os Canaaneus controlavam Gaza como parte do seu território, enquanto os Filisteus, mais militarizados e agressivos, habitavam na própria Gaza e áreas adjacentes.

Gaza foi conquistada pelos homens da tribo de Juda (Juízes 1:18) e incluída no quinhão outorgado a essa tribo (Josué. 15:47). Permaneceu na posse dos Canaaneus até inícios do sec. 12 a. C. quando foi ocupada pelos Filisteus . Constituía parte da Pentapolis filisteia (Juízes 13-16) , sendo a cidade mais meridional nessa liga de 5 cidades (Josué. 13:3 1; Sam. 6:17; Jer. 25.20).

Para definir de uma vez o registro histórico e factual: os Filisteus eram uma nação de navegantes hoje completamente extinta. Eles não mantêm qualquer elo étnico com os membros da nação árabe que hoje em dia se auto-denominam "PALESTINOS".

O nome deriva da denominação "Philistia" com que os conquistadores romanos depreciativamente chamavam a área geográfica habitada pelo povo Judaico. O nome foi indevidamente apropriado

pelos árabes afim de reivindicar o direito a uma terra à qual chegaram pelos azares das Cruzadas.

As miraculosas façanhas de Sansão tiveram lugar em Gaza. Ele pereceu no templo de Dagon esmagando seus inimigos filisteus (Juízes 16). Quando se debilitou o apoio do Egito aos Filisteus, o inimigo finalmente submeteu-se a Davi, que matou em combate o gigante Golias (o Harapha de Milton) (II Sam. 5:25).

Gaza foi a única cidade dentro da área, que ofereceu resistência a Alexandre Magno no ano 332 a.

C. Tornou-se mais tarde um entreposto da dinastia egípcia dos Ptolomeus durante o período helenístico, até ser capturada em 98 a.C. pelo rei da Assíria Antiochus III, rei Seleucida que controlava o império Alexandrino.

A cidade foi subsequentemente reconquistada por Jonathan Hasmoneu em 145 BCE (1 livro dos Macabeus . 11:61-62). Durante a guerra civil Hasmonea a cidade foi tomada por Alexander Janneus em 96 a. C. O general romano Pompeu restaurou a cidade, e Galbinus, oficial romano, a reconstruiu (circa 57 a. C.).

Por um breve período o rei Herodes o Grande ocupou Gaza, mas com a morte do rei, ela passou à jurisdição do pro cônsul romano da Síria. Floreceu durante o período romano, permanecendo como centro da comunidade judaica e posteriormente, do cristianismo emergente durante toda a era Romana ( de 963 a.C até 324 d. C.)

Segundo o Karaita (seita judaica) Sahl *ben* Mazli'ah, Gaza, Tiberias e Zoar eram os 3 centros de peregrinação para os judeus da diáspora durante o período bizantino. Um período sob domínio árabe teve início após a grande batalha de 635 d. C., durante a qual os árabes venceram os Bizantinos, como consta dos Papiros de Nessana . R. Moses, um dos rabinos masoréticos, morou em Gaza.

Já no sec. XII Gaza fez parte de Fostat (antiga Cairo) sendo depois destruída pelos Cruzados.

Nada sabemos depois disso até o sec. 15 quando o cronista judeu italiano Meshullam de Volterra se deparou com 60 colonos judeus, em 1481 a. C. Eram eles vinhateiros. Segundo outro cronista , Obadiah de Bertinoro, em 1488, o rabino de Gaza era o emigrado Moises de Praga.

Vieram depois sucessivamente a ocupação otomana, nos sec.16 e 17, a ocupação por Napoleon em 1799, a decadência da cidade no período beduíno do sec.19, Gaza tornando-se depois um baluarte turco durante a I Guerra Mundial. Os judeus remanescentes tiveram de abandonar Gaza durante o mandato Britânico, no ano de 1929.

Gaza foi ocupada pelo exército egípcio após a guerra de independência Israelense , entre Maio de 1948 e Junho de 1967.

É bom lembrar que os árabes que viviam em Israel após 1949, tinham chegado no ano de 1920 fugindo da penúria econômica e das dissensões dentro da nação árabe.

Existe sobeja evidencia arqueológica de uma presença judaica continua em Gaza desde a era de bronze , aos 1500 a. C, até 632 d. C.

Ainda nos nossos dias ecoam as trágicas palavras da narrativa bíblica que nos falam do conflito judaico- Filisteu, desenhando um quadro de conflito religioso, agressão brutal, morte nos dois campos, e muita cegueira, e que se encerram com o grito de Sansão no templo pagão "deixem me morrer com os Filisteus".

O atual conflito representa a primeira guerra definitivamente religiosa entre Israelitas e Filisteus. O aspecto religioso do Hamas é bem conhecido. Trata-se de um movimento confessional armado conectado à política islamizante internacional dirigida desde a sua sede no Iran via Estado Islâmico com sub-sede no Cairo (Siria-Iraq-Estanbul-Qatar). Do lado Judaico é inútil ignorar a nuance religiosa tele-dirigida tanto por discursos políticos israelenses que pregam o retorno judaico à situação de Gaza antes de 2005, quanto no discurso messiânico de ministros evangélicos ocidentais

e rabinos.

## **A CIVILIZAÇÃO EXAUSTA E A BARBARIE SE ENCONTRAM E SE RECONHECEM**

No seu poema "Esperando os bárbaros", Constantin Cavafis, poeta grego da virada do século XIX descreve com grande arte, a exaustão de uma grande cultura.

"Por que esse ócio na casa senatorial?  
Por que os senadores não decretam leis?  
É que os bárbaros devem chegar hoje.  
Para que fazer mais leis?  
Chegando , os bárbaros irão legislar."

Quando um político britânico chega a comentar o assassinio de um jovem soldado em plena rua de Londres a mãos de jihadistas, dizendo com pavorosa ambiguidade: “ Devemos ter clareza quanto às formas em que culturas diversas que contêm diferenças inevitáveis podem também achar seu propósito essencial e comum, sem o qual nenhuma sociedade irá florescer...(?)”

Infelizmente, o governo britânico não conseguiu veicular qual seria esse propósito comum, demonstrando estar apenas desnorteado no viscoso marasmo mental quanto aos próprios valores.

Profeticamente, "Esperando os bárbaros" descortina o atual panorama de bilioso torpor cultural em meio a uma extrema estagnação política.

É um vasto espetáculo de declínio nacional. Ao alvorecer numa enorme praça, no peristilo do palácio assenta-se no trono o próprio imperador sorridente, coroadado e coberto de joias. Há uma sugestão sinistra : se espera algum tipo de alívio.

Todavia, a noite cai e a multidão se dispersa cabisbaixa. Os bárbaros não vieram: "Que fim levaram os bárbaros?, afinal, eles eram uma solução..."

O jogo consiste em que no momento mais importante da sua história, o povo é ludibriado por uma liderança interessada somente em salvar as aparências.

Os pecados cardinais do mundo ocidental seriam para o autor: complacência, hedonismo, e uma inépcia autista para perceber o quadro total. A inação, pode ser tão destrutiva como uma ação desastrosa. O vigor dos líderes, a eficácia da sua retórica, a vontade política dos cidadãos foi tão atrofiada pela indolência e o luxo, que eles aguardam alguma catástrofe que lhes forneça o meio de se renovar.

Tanto para indivíduos como para governos a moral da obra é : quando bárbaros , quem quer que sejam eles, estão às portas, quando a catástrofe é inevitável, a opção única é agir. Até na política, o que conta é a jornada, não a meta da viagem.

Também é notória uma certa "higiene" na pose política que faz vista grossa e racionaliza o MAL. "...Os Simbas, uma tribo de cruéis canibais ferviam suas vítimas antes de devorá-las. Durante o Holocausto, os modernos germanos, herdeiros de uma cultura milenar, convertiam suas vítimas em sabão. Isso parece ser indicio de civilização, uma paixão pela higiene." (Roman Gray: A dança de Gengis Khan)

Vários trabalhadores ocidentais foram decapitados com sádico realismo por terroristas mascarados ( um deles se pronunciou para a mídia em inglês com correto acento britânico). O

hediondo crime foi veiculado na mídia de maneira asséptica , imediatamente.

O feito tecnológico que possibilita o vírus da violência disseminar-se instantaneamente pelo mundo, tornou-se o signo da civilização do sec. XXI.

E até agora não houve multidões manifestando pelo mundo afora qualquer indignação!

Encerro estas reflexões ( um quadro clinico em três fases) com a minha perspectiva: enquanto no Cristianismo fatos históricos ( vida e morte de Jesus) criaram fatos religiosos ( natal, ressurreição, ascensão) no Islam deu-se o oposto. A crença e a piedade criaram fatos religiosos , que pela sua vez produziram fatos históricos e territoriais.

Para o Islam , que nunca fez distinção entre as esferas religiosa e secular, incluindo a politica, (da maneira que o fez o Cristianismo), fatos religiosos têm implicações que desembocam na esfera politica e geográfica.

"Terra Santa" é um termo que define onde se encontram lugares santificados. Para o Hebreu isso é diferente. Os locais sagrados do judaísmo não possuem santuário. Sua religião não está ligada a "locais", senão ao TEMPO e à terra.

Podemos no século XXI continuar usando dogmas religiosos convertidos em slogans, que nutrem a sua dúbia vitalidade em raízes mitológicas ou mesmo simbólicas?

Podemos nos comprometer numa politica construtiva e moralmente responsável nos tornando prisioneiros de símbolos, por mais veneráveis e santos que sejam?

Podemos santificar nossas vidas de acordo com uma mitologia de santidade que facilmente se degrada em propaganda politica?

Todos aqueles que gostam denominar-se filhos de Avraham não esquecerão que o significado de Israel foi sintetizado por Isaias 1:27

"Sion será resgatada no Direito, seus habitantes com a Justiça"